

# *HISTÓRIA DA ARTE:* *o século XIX*

*Tópico 2*

ARTE . VISUAL . ENSINO  
*Ambiente Virtual de Aprendizagem*

*O Neoclássico.*

Professor Doutor  
*Isaac Antonio Camargo*



Cursos de Artes Visuais  
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE  
VISUAL  
ensino

Neoclássico ou Neoclassicismo, foi uma tendência estilística e cultural que visava a revitalização da Antiguidade Clássica: Grécia e Roma, tornando-as as principais referências estética de modelo e estilo artístico.

Neste sentido, a tradição clássica, consolidada pelas academias do Renascimento se torna o “Novo Clássico”, um modelo ideal de Arte para a cultura ocidental do século XVIII ao XIX.

O Rococó perde sua hegemonia com a queda do reinado francês e da nobreza. Os ideais revolucionários e Iluministas querem transformações e mudanças. Napoleão Bonaparte é indicado Consul e passa a governar a França e é ele também que estimulará uma das tendências mais recorrentes da Arte: a Clássica, estes fatores acabaram por influenciar o surgimento do que se passou a identificar como Neoclássico.

O Classicismo já se mostrava como uma tendência desde as Academias do século XV, permeando os séculos XVI, XVII, XVIII, XIX e chegando tardiamente ao século XX. As Academias que nasceram no Renascimento Italiano, já haviam expandido sua metodologia/pedagogia para além de suas fronteiras tornando-se um modelo para o ensino de Arte desde então.

As classes sociais dominantes mantêm o gosto pela tendência clássica, dificultando qualquer alteração no estilo, na temática ou mesmo no modo de conceber a Arte. A Arte Clássica é, portanto, uma tradução de estabilidade do gosto representando sua consolidação. Romper com os modelos significa também romper com os padrões do sistema econômico, social e político.

No contexto Acadêmico, a Academia de Roma foi uma referência para a formação dos artistas europeus e também de outros continentes, inclusive da América Latina, especialmente no Brasil, via Missão Artística Francesa instituída por D. João VI no século XIX permanecendo, aqui, como escola e modelo de formação artística até o século XX.

Grande parte dos artistas europeus, se deslocavam para Roma para iniciar ou complementar sua formação. Era o caso da França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e também o Brasil entre outros. Pode-se dizer, em nosso caso e pela influência que recebemos, que o modelo de academia bem sucedido foi o francês.

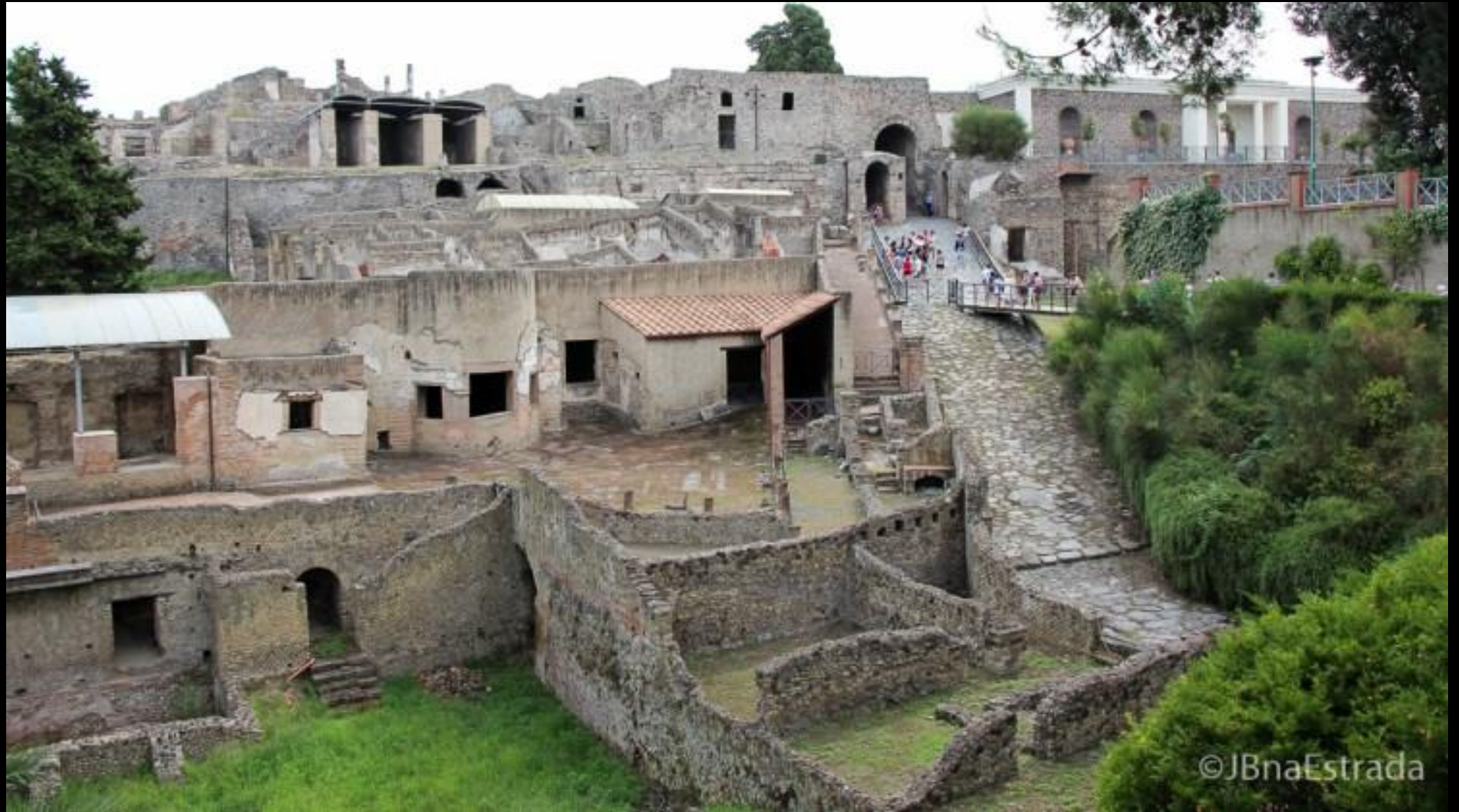
Em meados do século XVIII surge uma nova tendência clássica e influente em Roma cuja característica era mais racional e idealista combatendo as manifestações do Barroco e do Rococó. O esgotamento da fórmula barroca pelos excessos formais como o decorativismo e irregularidade associada a uma dita “falta de decoro” e a valorização da Antiguidade clássica e o declínio da influência da religião e ascensão dos ideais do iluminismo.

Seus valores são o racionalismo, modéstia, equilíbrio, harmonia, simplicidade formal, idealismo e desapego ao luxo. A arte Neoclássica busca o equilíbrio e a simplicidade, bases da criação da antiguidade. As características marcantes são o caráter narrativo, o formalismo rígido, a linearidade, as poses encenadas, quase escultóricas, o respeito à anatomia, exatidão nos contornos, clareza na composição, defesa de temas “dignos” em busca da “boa arte”.

A Arte Neoclássica surge por volta de 1750 e vem até o século XIX, prega o retorno ao passado, pela imitação dos modelos antigos greco-romanos. O culto à academia e seus mestres, aos temas e às técnicas, modelos e regras ensinadas nas escolas ou academias de belas-artes. A arte tomada como cópia do natural. A valorização da História, efemérides, mitos e heróis.

Um dos fatores que contribuiu para a instauração do projeto Neoclássico foi o início da exploração arqueológica, em 1748, das cidades romanas de Pompéia e Herculano, soterradas pela erupção do Vulcão Vesúvio em 79 d.C. e descobertas em 1599. A exploração destas cidades revela costumes romanos bem como algumas Obras de Arte revigorando a crença de que o Clássico é uma manifestação artística atemporal ou para todos os tempos.





©JBnaEstrada





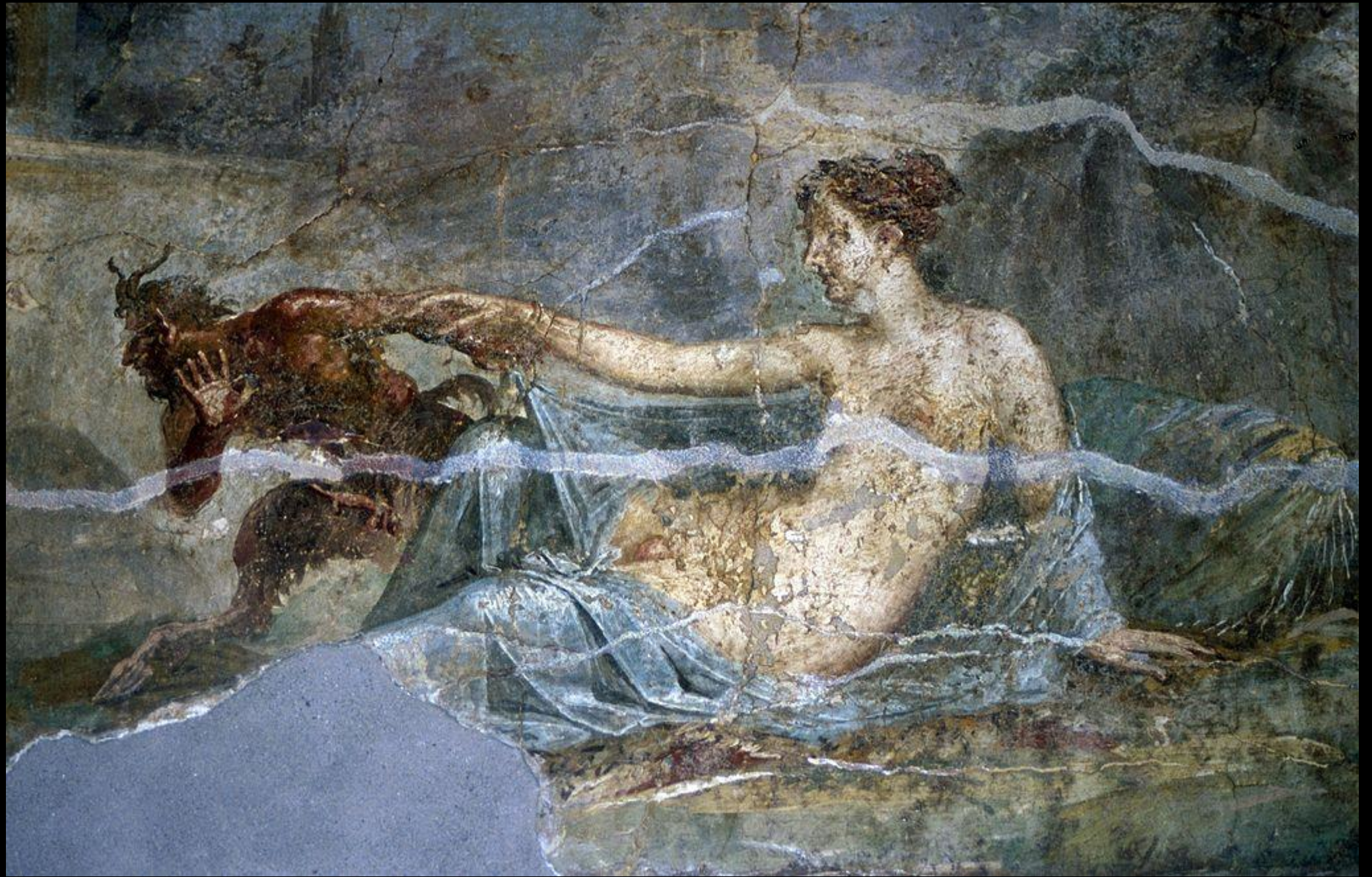




































As *três Graças*. A esquerda obra encontrada em Pompéia e, a direita, obra de Nicolas Cordiel de 1609. A representação das três figuras femininas tem origem na mitologia grega que as considerava portadoras de bem-aventuranças: do banquete, da concórdia, do encanto, da gratidão, da prosperidade familiar e da sorte, ou seja, das graças. A partir do Renascimento passaram a representar a harmonia e se torna um tema recorrente da Arte Clássica e Neoclássica.





Uma curiosidade mórbida: estas imagens são o resultado do preenchimento com gesso de áreas ocas encontradas nas cinzas que correspondiam aos espaços ocupados pelos corpos das pessoas vitimadas pelo Vesúvio.

O que se vê no contexto de Pompéia e Herculano, são obras “clássicas” ou seja obras que revelam, sem dúvida, o gosto e o modo dos romanos fazerem Arte o que reforça a tendência em recorrer às culturas chamadas clássicas greco-romanas intensificando o interesse pelo Clássico e conseqüentemente o surgimento do Neoclássico ou Novo Clássico.

Na França o Iluminismo, decorrente de pensadores como Denis Diderot e Voltaire preconizavam uma arte mais eficiente em aspectos formais e racionais, intelectualizada e moral.

Johann Winckelmann, atende a este apelo ao escrever em defesa da tradição clássica greco-romana, cujos princípios são adotados por artistas influentes como Mengs, Canova e David.

Politicamente a inspiração na cultura grega também evoca questões de ordem política como a Democracia grega e a República romana que são valores associados à honra, dever, civismo, heroísmo e patriotismo. Talvez por isso o estilo neoclássico tenha sido adotado pelo governo revolucionário francês como recurso ideológica contra o luxo e a afetação das elites nobres de gosto rebuscado como o Rococó.

Anton Raphael Mengs (Alemanha, 1728-1779) Cria o painel *Parnassus* na Vila do cardeal Alessandro Albani, um dos mais famosos colecionadores de arte da época, definindo um modo de fazer que passa a influenciar os artistas que conviviam com a vida cultura romana daquele período. Assim surge um “modelo” Neoclássico.





Mengs, Parnassus, 1761





Mengs,  
Flagelação de  
Cristo, 1780





Mengs, São João Batista





Mengs, João Batista, 1774





Antonio Canova, "As Três Graças", 1815-17.



Antonio  
Canova,  
"Cupido e  
Psiquê",  
1787-93.





Antonio Canova, "Perseu  
com a Cabeça da Medusa",  
1787-93.



Jean-Jacques Louis David  
(Paris, 1748-1825,  
Bruxelas)

Frequentou a Real  
Academia de Pintura e  
Escultura de França e  
depois a Academia de  
Roma a partir de 1774 por  
cinco anos.

Depois de participar dos  
Salões do Louvre, vem a  
ser Pintor oficial da corte  
de Napoleão Bonaparte.  
Como pintor de corte,  
passa a ser também  
referencia para outros  
artistas.

Sua relação com a Arte  
Clássica se inicia no atelier  
de Joseph-Marie Vien,  
pintor de raiz clássica, que  
frequenta quando jovem e,  
posteriormente, em 1774,  
por sua formação na  
Academia de Roma. Sua  
predileção por Rafael  
Sanzio era evidente, passa  
muito tempo copiando  
obras do artista e, ao  
visitar as ruínas de  
Pompeia, define sua  
preferência pelo  
Classicismo, inclusive a  
temática greco-romana.



O Julgamento dos Horácios, 1784





A morte de Sócrates, 1787





A morte de Marat,  
1793





As Sabinas, 1799





Coroação de Napoleão, 1805-7



Napoleão no passo  
de Saint Bernard,  
1801.



David foi um dos idealizadores da renovação da Escola de Belas Artes de Paris, em função das ideias Iluministas.

Dois discípulos de David: Gross e Ingres, também seguem as orientações Neoclássicas do mestre.

A tendência de seguir o mestre era comum, pois assemelhar-se ou superar as habilidades dele era um passaporte para o mercado.

Por outro lado, não havia renovação estética na medida em que os discípulos tinham apenas a preocupação de qualificar-se tecnicamente e reproduzir os mesmos temas e características já definidas anteriormente. Não havia qualquer interesse em inovar já que qualquer inovação conceitual e mesmo técnica, dificilmente era aceita pelo público já habituado ao padrão de gosto dominante. Pode-se dizer o que se via era *mais do mesmo...*





Antoine-Jean Gros, "Napoleão visitando as vítimas da peste de Jaffa", 1804.





Antoine-Jean Gros, Batalha das Pirâmides, 1810.





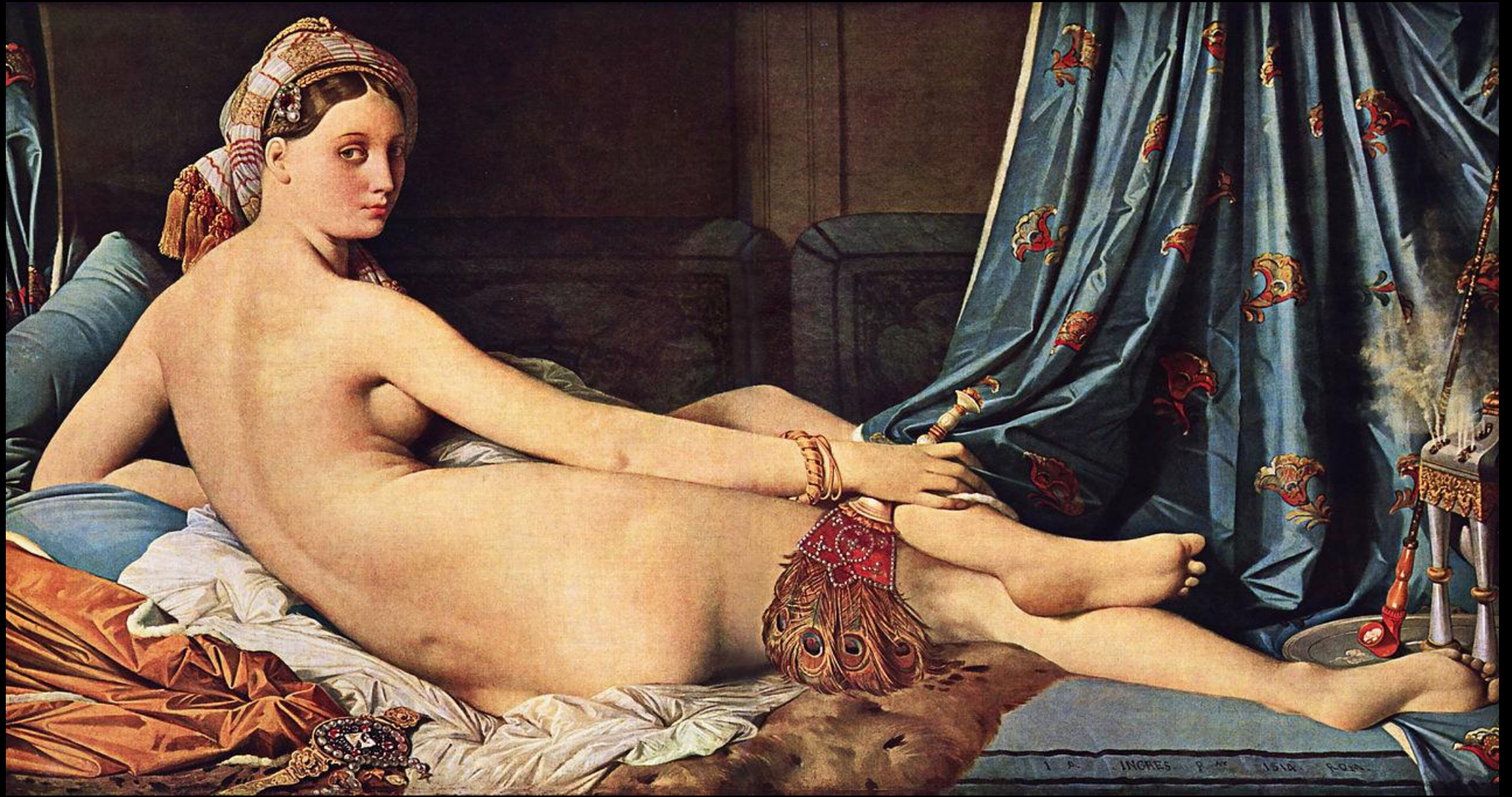
Jean-Auguste Dominique Ingres,  
"Napoleão no Trono", 1806.





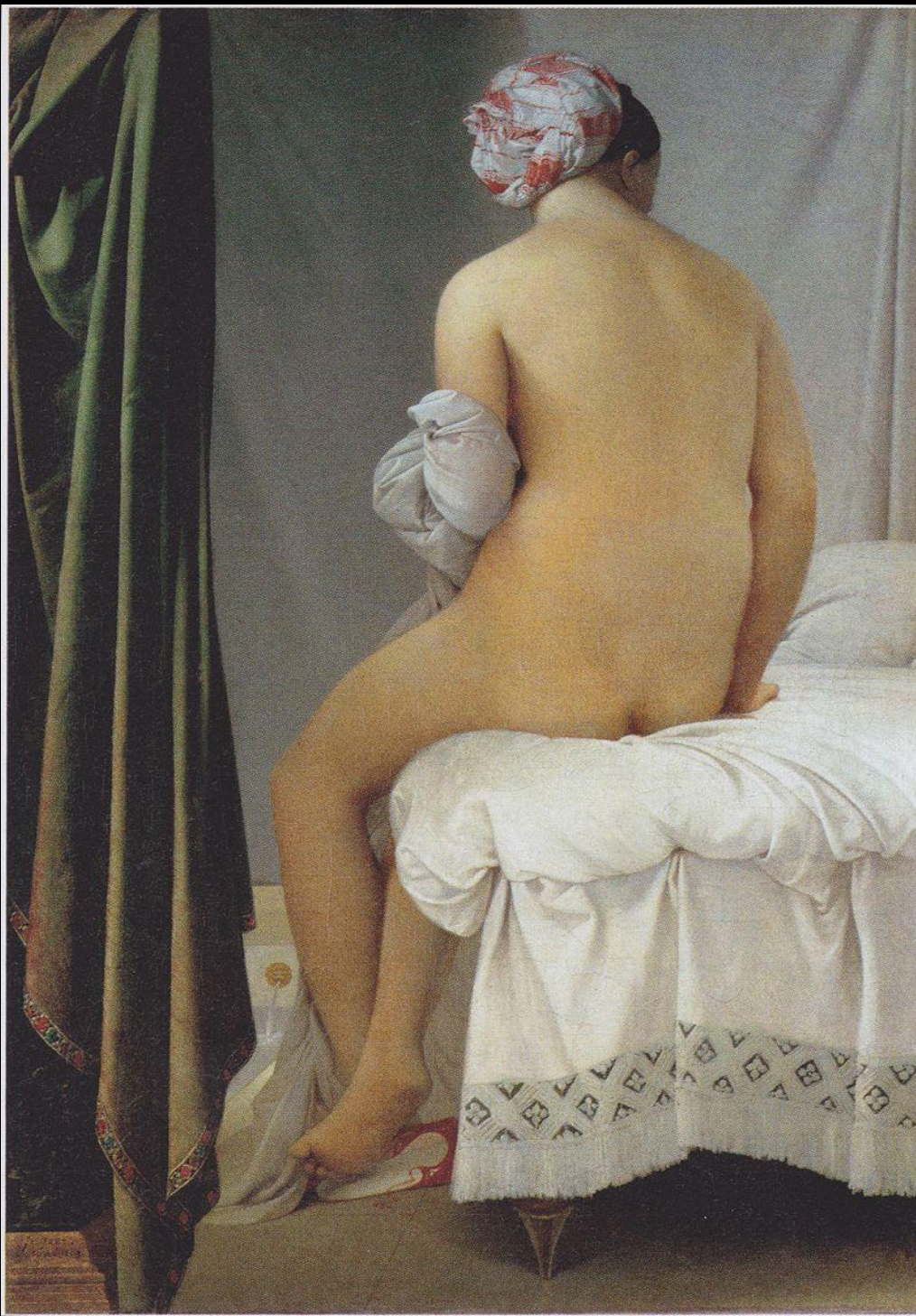
Jean-Auguste Dominique Ingres "Retrato da Princesa de Broglie", 1853.





Jean-Auguste Dominique Ingres, "A grande Odalisca", 1814.





Jean-Auguste Dominique Ingres,  
"A banhista de Valpinçon", 1808.



Como dito anteriormente, a Revolução Francesa, cujo ideário pregava a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, é um dos fatores que irá estimular a busca por novos valores sociais e que se tornam motivadores dos ideais burgueses em contraponto aos ideais da nobreza que havia dominado a cena cultural e a partir de então, valores como o nacionalismo, o individualismo e a liberdade vão estimular novas tendências estéticas.



**Recomendações de atividades para complementar, reforçar e ampliar os conteúdos deste tópico.**

*Leituras:*

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/textos>

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte – p. 395 – 401.

*Multimídia e/ou Tutoriais:*

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/multimedia/audiovisuais>

**Questões sobre este tópico e suas leituras:**

1. O que é Neoclássico, suas características e como surge?
2. Quais fatores estimulam o surgimento do Neoclássico e como ele se consolida?
3. Quais inspirações políticas são consideradas pelo Neoclássico?
4. Qual a importância de Raphael Mengs nesse estilo?
5. Quais os principais artistas do neoclássico francês?